

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LITERATURA

SUMÁRIO

- **INTRODUÇÃO**
- **O QUE É LITERATURA?**
- **PERÍODO COLONIAL**
- **SÉCULO XIX**
- **SÉCULO XX**
- **A LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE**
- **O ENSINO DA LITERATURA**

INTRODUÇÃO

Esta disciplina discute os momentos literários que se desenvolveram no Brasil desde a chegada dos portugueses até a atualidade e seus estilos literários específicos (crônicas, contos, poemas, romances e peças teatrais). Escolhemos apresentá-los a partir das obras de vários autores para que você possa estabelecer relações entre os diferentes gêneros literários. Você também vai ter oportunidade de conhecer as biografias de alguns autores e refletir sobre como a literatura se aproxima dos demais campos das artes e da cultura, como o cinema, o teatro e a pintura.

Algumas considerações que faremos ajudarão você a compreender o que é a literatura produzida em Língua de Sinais, tais como, a literatura traduzida para LIBRAS e a literatura surda. A pós-modernidade dá visibilidade para vozes minoritárias como mulheres, negros, surdos e outros. Diante desse contexto surgem as manifestações literárias surdas, como por exemplo, o teatro surdo e vídeos produzidos em Línguas de Sinais os quais coincidem com a história cultural surda. Partindo desse pressuposto, os surdos apresentam diferentes peças que retratam sua história, cultura e identidade, também produzem adaptações de lendas, monólogos e histórias reais que apresentam o humor e a poética surda. A discussão se aprofundará durante o 5º. Período, na disciplina de Literatura Visual. Por enquanto, faremos referência aos materiais de literatura brasileira produzidos em LIBRAS que estão disponíveis para compra no site da editora Arara Azul.

Além do que está disponível em Libras, você precisará ler alguns trechos de obras em português. Tomamos o cuidado de selecionar textos interessantes e de acrescentar um glossário com definições de termos mais complexos. Esperamos que, com isso, a sua leitura fique mais clara e prazerosa. Na última unidade, você estará pronto para fazer algumas considerações sobre como ensinar literatura.

UNIDADE 1: O QUE É LITERATURA?

Nesta unidade, nós estudaremos as concepções de literatura em diferentes épocas, principalmente como referência à literatura brasileira.

Até o século XVIII, a palavra literatura era entendida como o conhecimento das técnicas de escrever e de ler, como a cultura do homem que sabia ler e escrever. A partir desse período, a palavra literatura passou a significar:

1. o conjunto da produção escrita de uma época;
2. o conjunto da produção escrita de um país;
3. o conjunto de obras escritas com um objetivo comum: literatura infantil, literatura juvenil, literatura infanto-juvenil, literatura feminina, literatura popular, literatura policial, literatura de massa, etc.

E, mais contemporaneamente, literatura passou também a significar uma maneira especial de trabalhar criativamente a língua escrita. É claro que essa posição parece colocar em segundo plano toda uma tradição de literatura oral que está viva até os dias de hoje e que, pelo menos até o século XIV, era o meio mais importante de difusão das obras literárias.

Nas línguas de sinais, a contação de história segue uma tradição oral pela sua própria característica de ser uma literatura, predominantemente, visual e não pela falta de um sistema de escrita comumente aceito. As narrativas orais ou tradição oral são conceitos antropológicos para designar o conhecimento passado de uma geração para outra de forma direta. A preocupação com a escrita não esteve presente dentro da comunidade surda, mas a preocupação com o registro dessas histórias, sim. Como o desenvolvimento das tecnologias de filmagem e da criação de um sistema escrito de língua de sinais, o *Sign Writing*, as narrativas surdas passam a ser registradas a partir de vídeos e da escrita.

Como poderemos pensar a literatura no século XXI?

Hoje o conceito é bastante amplo e teríamos que fazer uma explanação muito longa, para dar conta de uma discussão que inclui perspectivas distintas e opiniões conflitantes. Nessa disciplina, vamos pensar a literatura sob o ponto de vista da estética. Literatura seria, então, o uso de certas possibilidades da linguagem escrita que se baseiam na expressão artística e criativa; literatura seria, nesse caso, uma expressão cultural que aposta na criatividade da língua escrita e em sua capacidade de fazer com que as palavras falem de modo não habitual.

Tivemos que escolher um caminho para a nossa disciplina de *Introdução aos Estudos da Literatura*. Por onde começaremos a percorrer esse caminho dos diferentes mo(vi)mentos literários? Passamos agora a analisar os textos do início da colonização luso-brasileira, ou seja, os relatos dos primeiros portugueses sobre a nossa terra.

UNIDADE 2: PERÍODO COLONIAL

Vamos, então, conhecer os momentos mais importantes e a produção escrita mais significativa da Literatura Brasileira, desde 1500. É desse ano, o primeiro registro de um olhar estrangeiro sobre a terra brasileira. Escrita em Língua Portuguesa, a *Carta ao Rei de Portugal*, foi enviada pelo escrivão Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel. Ela pode ser considerada a primeira crônica escrita no Brasil.

A palavra **crônica** vem da palavra grega *Kronos*, que significa tempo. Na sua origem, ela estabelece uma relação com um relato histórico. Por esta razão se pode dizer que a carta de Pero Vaz de Caminha pode ser considerada o marco inicial da crônica no Brasil, de acordo com pesquisadores da literatura.

No século XIX, as crônicas começaram a ocupar as páginas dos jornais impressos e se constituíram um gênero narrativo com características estéticas e estilísticas, praticada pelos escritores-jornalistas. No século XX e XXI a crônica continua sendo praticada é um texto com enorme possibilidade temática e lingüística.

A crônica literária é, hoje, uma narrativa que se prende a fatos do cotidiano, ou faz reflexões ou críticas à realidade cotidiana, muitas vezes de modo humorístico ou irônico, às vezes poético. A crônica também pode ser lírica, explorar aspectos sentimentais ou as belezas da vida cotidiana. Pode ainda ser política, cultural e ideológica, servindo para mostrar o que o cronista quer ou não para seu país. Quando discutirmos o século XXI, você vai conhecer outros exemplos de crônicas.

Nessa *Carta*, temos o olhar do estrangeiro sobre uma realidade a qual não estava habituado. O cronista português usava seu padrão de linguagem e escrevia sobre uma realidade que lhe era estranha. Os elementos locais (pessoas, paisagens, animais, gestos, intenções etc.) eram entendidos segundo as perspectivas e os interesses dos europeus recém-chegados. Vamos conhecer, por exemplo, como Pero Vaz de Caminha registrou as índias ou o corpo feminino.

E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha¹ tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições² envergonhara, por não terem as suas como ela.

Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma.

Também andava lá outra mulher, nova, com um menino ou menina, atado com um pano aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum.

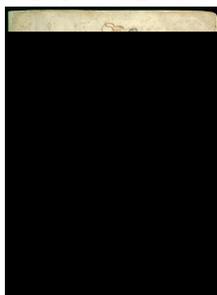
Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior — com respeito ao pudor.

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-00940.html>.

Acessado em 12/04/2006, às 16h.

Se quiser ler integralmente a versão mais atualizada, você pode procurá-la no sítio www.literaturabrasileira.ufsc.br. Se preferir conhecê-la integralmente na forma em que foi escrita pelo próprio Pero Vaz de Caminha, veja sua imagem:

Carta de Pero Vaz de Caminha



Fonte: http://bnd.bn.pt/ed/viagens/brasil/obras/carta_pvcaminha/obra/01_folio01r/facsimile.html

Outras crônicas foram escritas pelos viajantes portugueses. Eles escreveram o que se chama de literatura informativa. O que pretendiam com estas narrativas? O

¹ A palavra “vergonha” é usada aqui no sentido de púbis, ou “a parte inferior e mediana da região hipogástrica, que forma uma eminência triangular e se cobre de pêlos na puberdade”.

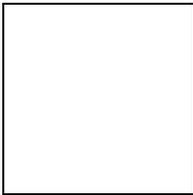
² FEIÇÃO: O delineamento do rosto humano e os traços fisionômicos; rosto, semblante.

propósito era atrair para o Brasil colonizadores para a nova terra que auxiliassem no empreendimento colonial português.

No século XVI, outros tipos de texto também foram produzidos. Por exemplo, temos as primeiras manifestações teatrais e poéticas, tais como o *Auto Representado na Festa de São Lourenço*, do Padre José de Anchieta, que também escrevia poemas.

Vamos ao século XVII, percorrendo outro momento importante da literatura brasileira? Você vai conhecer agora o Barroco. Trata-se de um momento cultural importante para a literatura, para a pintura, para a escultura, para a arquitetura e para a música. A primeira afirmação que se pode fazer é que a arte barroca é bastante visual, como discutiremos a seguir. Veja alguns exemplos:

O Triunfo de Baco (Os Bêbados), Diego Velázquez



Os profetas – Aleijadinho



Jardim barroco Herrenhäuser, em Hanover



Villa Reale Stupinigi, projeto de Filippo Juvarra, Itália



Igreja de Santa Bárbara – Minas Gerais



Fonte: Yahoo imagens

O que você percebe nestas imagens?

O rebuscamento³, o ornamento, as dobras, os efeitos cênicos grandiosos, o volume, as reentrâncias, as linhas ondulantes.

Na linguagem literária, essas características também se fazem presentes. É claro que, quando se trata da literatura, o que entendemos por rebuscamento, por exemplo, muda com relação à pintura, à escultura e à arquitetura. Na literatura, como esses efeitos visuais aparecem na linguagem escrita? Vamos conhecer dois escritores que escreveram com as características do barroco: Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira.

Todavia, antes ainda de discutirmos a poesia barroca de Gregório de Matos, vamos pensar o que é poesia. Temos aqui outro caso de definição problemática. São inúmeras as definições disponíveis, várias delas conflitantes! Até início do século XX, poema era a obra literária realizada em versos, com ritmo, rimas e número constante de sílabas por verso. Mas, durante boa parte do século XIX, os românticos a trataram também como uma manifestação da subjetividade e da fantasia íntima. No século XVIII, era vista ainda como um modo de aperfeiçoar a sensibilidade e de desenvolver o

³ Qualidade do que é rebuscado ou requintado.

conhecimento. Na segunda metade do século XIX, foi também utilizada como arma de crítica social e de recriação das relações pessoais, da visão de mundo e de sociedade. A partir do início do século XX, passou a ser considerada um artifício de linguagem. Todavia, podemos talvez dizer que o poema é produzido a partir de seleções e de combinações de palavras, de um modo diferente do que se usa cotidianamente, na comunicação entre as pessoas. A partir dessas seleções e combinações, buscam-se imagens, e ritmos, para fazer referências a sentimentos sociais e humanos. Durante toda a nossa disciplina vamos conhecer muitos poetas e poemas. Mas vamos agora, especificamente, à poesia de Gregório de Matos:

Para falar da efemeridade da vida, ele escreveu:

*Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.*

*Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?*

*Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.*

*Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.*

Vamos agora conhecer as características barrocas em um outro tipo de literatura: os sermões. Você sabe o que é um sermão? É o discurso que ainda hoje alguns religiosos, em seus cultos, utilizam para convencer e conquistar os fiéis.

No século XVII, o Padre Antônio Vieira escrevia seus sermões antes de lê-los. Era um artista da palavra escrita e falada.

Vamos conhecer um fragmento de seus sermões. Se você quiser conhecer todos eles, poderá entrar no sítio www.literaturabrasileira.ufsc.br.

Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no Mundo. E qual foi ele? -- O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o céu. Coeli enarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat Firmamentum⁴ -- diz David. Suposto que o céu é pregador, deve de ter sermões e deve de ter palavras. Sim, tem, diz o mesmo David; tem palavras e tem sermões; e mais, muito bem ouvidos. Non sunt loquellae, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum⁵. E quais são estes sermões e estas palavras do céu? -- As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: Stellae manentes in ordine suo⁶. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não tenhamos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura e o mareante para sua navegação e o matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler nem escrever entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão: -- estrelas que todos vêem, e muito poucos as medem.

Sermão da Sexagésima

Disponível em: www.literaturabrasileira.ufsc.br; acessado em 12/04/2006, às 17h.

⁴ Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos.

⁵ Não há linguagem, nem fala, onde não se possa ouvir sua voz.

⁶ As estrelas permanecem por sua ordem.

Padre Antônio Vieira, como era comum, utiliza-se de passagens da Bíblia para ilustrar suas falas. É importante lembrar que naquele tempo a Bíblia católica utilizada era a versão latina por ser considerada uma língua nobre e, por determinação do Vaticano, nas missas e sermões também era empregada essa língua. Se, por um lado, parte do público conhecia bem esses termos, a outra parte menos letrada não dominava estas expressões. No entanto, isso não era uma barreira visto que o Padre Vieira articulava as expressões de modo a permitir que elas fossem compreendidas através do contexto. De forma geral, podemos sintetizar dizendo que as citações serviam mais como um recurso de retórica, para legitimar o discurso.

UNIDADE 3: O SÉCULO XIX

Vamos agora estudar as manifestações literárias do século XIX, começando por um período importante, o Romantismo.

É importante ter em mente alguns acontecimentos mundiais, para entender o contexto histórico que antecedeu esse movimento literário. Você poderá pesquisar, especialmente, sobre a ascensão da burguesia e sobre a revolução francesa. Com relação a esta última, vale destacar o lema *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*.

Das três palavras que compõem esse lema, os artistas românticos talvez tenham colocado mais ênfase em uma delas: *Liberdade*. Eles queriam para si a *liberdade de criação individual*, sem seguir nenhum modelo anterior, especialmente os modelos neoclássicos, já esgotados há algum tempo. O modelo que eles queriam privilegiar era o de sua própria imaginação, de seus sonhos, de suas fantasias.

Dessa forma, todo artista romântico acabou por se voltar para si mesmo, num processo muito forte de egocentrismo, da valorização exagerada do eu individual. Os românticos faziam uma literatura intimista e, muitas vezes, idealizadora de um mundo perfeito que, pretensamente, existia dentro de si.

Por estas idealizações, o romântico vai fatalmente entrar em conflito com a realidade, sempre problemática, que o cerca. Daí encontrarmos poemas em que predomina o pessimismo, a melancolia, o tédio, a desilusão, a morte. Outros superam essa falta de esperança, criando uma realidade idealizada e feliz:

MEUS OITO ANOS

Casimiro de Abreu

Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores.
Naquelas tardes fagueiras⁷
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar⁸
O céu bordado d’estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,

⁷ Que afaga; meigo, carinhoso. Afável, ameno, brando, suave. Agradável, prazeroso. Fig. Satisfeito, alegre, contente: lépido e fagueiro.

⁸ Entregar-se a divertimentos, danças etc.; brincar. Dar folga ou prazer a. Alargar, desapertar. Descansar, ter alívio nos trabalhos. Ter prazer com alguma coisa, gostar.

– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras.
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos⁹
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

– Que amor, que sonhos, que flores,
Naqueles tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Lisboa – 1857.

As Primaveras.

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0042-00737.html>.

Acessado em 25/04/2006, às 11h.

Estes versos do poeta Casimiro de Abreu são um bom exemplo da linguagem do Romantismo. Veja como o poeta usa a primeira pessoa: “eu tenho”, “minha vida” etc. O poema *Meus Oito Anos* foi um dos mais revisitados por autores do modernismo. Voltaremos a ele na unidade 5.

Outros temas foram explorados pelos poetas: a pátria, a mãe, a família, a infância, o amor, a natureza, a religião. O “par romântico” era sempre idealizado e era ressaltada a beleza física e espiritual do homem e da mulher. Abaixo, vão outros exemplos da poesia lírica romântica:

⁹ Que tem boa sorte; venturoso, afortunado, feliz, felizardo.

À Minha mãe

Álvares de Azevedo

Se a terra é adorada, a mãe não é mais
digna de veneração.

Digest of hindu law.

Como as flores de uma árvore silvestre
Se esfolham sobre a leiva que deu vida
A seus ramos sem fruto,
Ó minha doce mãe, sobre teu seio
Deixa que dessa pálida coroa
Das minhas fantasias
Eu desfolhe também, frias, sem cheiro,
Flores da minha vida, murchas flores
Que só orvalha o pranto!

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-00784.html>.
Acessado em 25/04/2006, às 11h.

Se Eu Morresse Amanhã!

Álvares de Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
Que sol! que céu azul! que dove n'alva
Acorda a natureza mais louca!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã¹⁰ ...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Disponível em:

<http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura1/romantismo/alvares.htm>

¹⁰ Ânsia, entusiasmo.

E como foi a prosa romântica?

No período romântico surgiram as primeiras narrativas, os primeiros romances¹¹.

Mas eles não eram publicados em livros em um primeiro momento. Os primeiros romancistas escreviam suas histórias em capítulos e publicavam nos jornais. Eram os folhetins¹². Isto significava que os autores para conseguirem leitores tinham que escrever com um estilo que trouxesse muita ação, utilizando-se muito de suspense e de história de amor. O leitor tinha que manter o interesse para saber o que aconteceria no próximo capítulo, para que comprasse a edição seguinte.

Veja uma lista¹³ (incompleta, é claro!) de romances brasileiros publicados primeiramente em folhetins, em jornais, e, apenas depois disso, em livros. Alguns desses romances estão disponíveis em DVD, como é o caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Outros estão disponíveis em Libras, no site da Arara Azul¹⁴.

Quais eram os temas destas narrativas?

Os escritores românticos trouxeram à tona os valores da sociedade burguesa, seja contra, seja a favor. Como já afirmado acima, valores como pátria, família e religião tiveram grande importância dentro da estética da primeira metade do século XIX.

¹¹ O romance, enquanto gênero literário, refere-se aos textos narrativos desenvolvidos principalmente a partir do século XIX nas principais cidades européias, influenciado pela ascensão da Burguesia e início da imprensa. Descendente da epopéia, ou poemas sobre as ações heróicas, teria como precursor a obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, publicada no início do século XVII. Embora muitos teóricos tenham se dedicado ao tema, não há um consenso sobre como definir o que é o romance. Isso acontece porque nem a extensão nem o modo como a trama é articulada são suficientes para agrupar textos tão variados produzidos nos últimos séculos sob uma mesma denominação. Além disso, discutem-se também quais as perspectivas do romance na contemporaneidade. Apesar de seu fim já ter sido decretado inúmeras vezes desde seu surgimento, ele ainda sobrevive, mesmo em face de uma sociedade virtual.

¹² As telenovelas da atualidade seguem o mesmo procedimento dos romances do século XIX, isto é, tentam manter o interesse do espectador ao terminar os capítulos sem que ele saiba o desfecho de cada situação.

¹³ *O Ateneu Raul Pompéia*, 1888, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Machado de Assis, 1880, *A Luneta Mágica*, Joaquim Manuel de Macedo, 1868; *A Viuvinha*, José de Alencar, 1857, *Clara dos Anjos* Lima Barreto, 1923, *Asfalto selvagem*, Nelson Rodrigues, 1958, *Folhetim* Luís Fernando Veríssimo, 1988, 51, Mário Prata, 1993. As obras disponíveis no site da Arara Azul são: de Machado de Assis, *O Relógio de Ouro*, *A Cartomante*, *O Alienista*, *A Missa do galo*, *O Caso da vara*; de José de Alencar, *Iracema* e de Gil Vicente, *O Velho da Horta*.

¹⁴ Arara Azul: www.editora-arara-azul.com.br

Ao se ocuparem da pátria, os escritores românticos escreveram algumas narrativas que foram classificadas como literatura nacionalista. Através delas, eles ressaltavam as belezas da natureza, as diferenças e especificidades regionais e valorizavam o passado histórico da pátria.

No Brasil, a busca de uma origem histórica fixou-se na imagem do índio, tematizado em muitos poemas e romances. Em algumas narrativas ele era idealizado, puro, bom; em outras, o índio era um elemento narrativo, uma personagem, que queria marcar a diferença do Brasil e da Europa. Através de tais protagonistas, os autores queriam mostrar que tínhamos uma identidade própria, distinta da europeia e, sobretudo, da portuguesa.

Das narrativas, você vai conhecer agora um fragmento de *O Guarani* de José de Alencar.

IV

CAÇADA

Quando a cavalgada chegou à margem da clareira, ai se passava uma cena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates¹⁵: caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem(...)

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca¹⁶: de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita calda, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo. (...)

Nesse instante erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de folhas que se elevava a vinte passos de distancia, e se agitava imperceptivelmente.

Ali por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

¹⁵ De cor vermelha muito viva.

¹⁶ Argola usada ainda por alguns povos do Oriente como adorno dos braços ou das pernas.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco. (...)

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira. Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pêlo, e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

O índio, que ao movimento da onça acurvara ligeiramente os joelhos e apertava o forçado, endireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parara à sua direita.

Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha.

Como, porém, o italiano, com o arcabuz¹⁷ em face, procurasse fazer a pontaria entre as folhas, o índio bateu com o pé no chão em sinal de impaciência, e exclamou apontando para o tigre, e levando a mão ao peito:

—É meu!... meu só!

Estas palavras foram ditas em português, com uma pronúncia doce e sonora, mas em tom de energia e resolução.

O italiano riu.

—Por Deus! Eis um direito original! Não quereis que se ofenda a vossa amiga?... Está bem, dom cacique, continuou, lançando o arcabuz a tiracolo; ela vo-lo agradecerá.

Em resposta a esta ameaça, o índio empurrou desdenhosamente com a ponta do pé a clavina¹⁸ que estava atirada ao chão, como para exprimir que, se ele o quisesse, já teria abatido o tigre de um tiro. Os cavaleiros compreenderam o gesto, porque, além da precaução necessária para o caso de algum ataque direto, não fizeram a menor demonstração ofensiva.

Tudo isso se passou rapidamente, em um segundo, sem que o índio deixasse um só instante com os olhos o inimigo.

A um sinal de Álvaro de Sá, os cavaleiros prosseguiram a sua marcha, e entranharam-se de novo na floresta.

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-01154.html>.

Acessado em 25/04/2006.

¹⁷ Antiga arma de fogo portátil, espécie de bacamarte.

¹⁸ Fuzil curto.

Mas a maior herança que o romantismo deixou foi a idealização do par romântico: uma moça graciosa, bonita, meiga, delicada, educada e um rapaz belo, corajoso, forte e puro de alma. Os dois tinham que manter uma relação singela e terna, quase sempre se realizando no casamento final. Se o casal não fazia nada “errado”, segundo a moral burguesa e cristã da época, casariam e seriam felizes para sempre. O romance *A Moreninha*, escrito por Joaquim Manuel de Macedo, é um bom exemplo desses elementos da prosa romântica.

Então, vamos fazer uma síntese das principais idéias da literatura romântica:

- Liberdade de criação individual
 - Fuga de modelos
 - Individualismo
 - Intimismo
 - Subjetivismo
- Fantasia, sonho, imaginação
 - Fuga da realidade
 - Idealização da realidade
 - Conflito “eu” e o mundo
- Temas como nacionalismo, regionalismo, natureza, indianismo, saudosismo, amor, religiosidade, morte, pessimismo, tédio
- Simplicidade da linguagem.

Vamos conhecer alguns poemas românticos:

Canção do exílio
Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Disponível em: <http://recantodaspalavras.wordpress.com/2008/04/05/cancao-do-exilio-e-outras-versoes> - Acessado 29/05/2008, 11h.

Agora vamos conhecer Castro Alves. Segundo o crítico literário brasileiro Antonio Candido, Castro Alves, seria, provavelmente, o maior poeta romântico brasileiro. Esta afirmação, apesar de conter um juízo de valor e, portanto, estar sujeita à opinião pessoal de cada um, tem algumas razões que a justificam. Mesmo tendo vivido em uma época em que surgiram poetas como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, Castro Alves foi aclamado tanto por escritores portugueses, quanto pela sociedade da época: estudantes, transeuntes e platéias de espetáculos teatrais que o sagravam como poeta social, poeta revolucionário e maior poeta épico brasileiro¹⁹. Castro Alves foi um orador capaz de exprimir o gosto da época. Ele escrevia e declamava o que as pessoas queriam ler e ouvir, especialmente os textos sobre a lírica amorosa e a escravidão. Um desses poemas épicos, O Navio Negreiro conta, com uma grande força expressiva, a vinda dos escravos para o Brasil. O poema foi escrito em 1869, quando o autor tinha 22 anos de idade.

¹⁹ A palavra 'épico' refere-se à epopéia e aos heróis

O Navio Negreiro

(Tragédia no mar)

1^a

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias²⁰
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar ... Abrindo as velas
Ao quente arfar²¹ das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis²² o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela²³ acalentara

²⁰ Bioluminescência marítima.

²¹ Balançar.

²² Cavalos.

²³ Tempestade

No berço destes pélagos²⁴ profundos!
Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia,
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

4^a

Era um sonho dantesco... o tombadilho²⁵
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros²⁶ arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

.....

Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo²⁷ o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

²⁴ Mar profundo

²⁵ Parte mais alta do navio, entre a popa e o mastro.

²⁶ Fantasma

²⁷ Firme, áspero, de modo severo.

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

6ª

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia²⁸ e cobardia
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz²⁹
que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga³⁰
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-00807.html>.
Acessado em 25/04/2006.

Nós já vimos várias manifestações poéticas. Vimos os poemas do poeta barroco Gregório de Matos e de poetas românticos. Agora vamos estudar outro momento

²⁸ Vergonha

²⁹ Cruel, desumana, feroz, dolorosa

³⁰ Da elevada terra, do país superior

importante da poesia brasileira. Aproveitemos, então, para conhecer mais um pouco sobre esse gênero literário — a poesia —, dando ênfase ao poema, às formas líricas, ao fazer poético.

Na Antigüidade surgiram composições acompanhadas pela flauta ou pela lira³¹. Voltadas para a expressão de sentimentos — como as cantigas de ninar, os lamentos pela morte de alguém, os cantares de amor —, essas canções passaram da tradição oral para a expressão escrita. Nessa passagem, porém, conservaram os recursos que aproximavam a música e a palavra: as repetições das estrofes³² o ritmo, os versos, as palavras, as sílabas, os fonemas, as imagens...

Há várias formas poéticas, mas para entender a poesia do século XIX vamos nos deter na forma poética chamada **soneto**. O soneto é uma forma poética de 14 versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos. Vamos incluir um soneto aqui, escrito no século XX, para você observar a disposição dos versos e a divisão em estrofes. É um soneto escrito por Vinícius de Moraes.

³¹ A **lira** é um instrumento de cordas conhecido pela sua vasta utilização durante a antiguidade. O instrumento não teve origem grega, mas os antigos gregos recitavam poesias acompanhados pelo seu som. A estrutura de uma lira consiste num corpo oco - caixa de ressonância - do qual partem, verticalmente, dois braços (montantes), que, por vezes, também são ocos. Junto ao topo, os braços ficam ligados a uma barra que liga as cordas até outra saliência de madeira transversal - o cavalete - disposta junto à caixa de ressonância e que lhe transmite as vibrações das cordas.

³² Cada uma das linhas constitutivas de um poema é chamada de verso e um conjunto de versos separados das demais partes do poema por linhas em branco, representa uma estrofe. Há estrofes de diferentes tamanhos e conforme o número de versos que a compõem recebem nomes próprios.

Dois versos: dístico

Três versos: terceto

Quatro versos: quadra ou quarteto

Cinco versos: quinteto ou quintilha

Seis versos: sexteto ou sextilha

Sete versos: sétima ou septilha

Oito versos: oitava

Nove versos: novena ou nona

Dez versos: décima

Soneto de fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure

Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/>. Acessado em 02/05/2006, às 11h.

Neste caso, cada verso tem dez sílabas métricas, o que confere uma certa regularidade rítmica ao poema. Cabe ainda falar da rima nas palavras finais dos versos. Observe como o primeiro verso termina com as mesmas letras do quarto verso: **atento** e **pensamento**; o segundo verso termina igual ao terceiro verso: **tanto** e **encanto**. Nos outros versos você também reconhece as rimas, nas palavras finais dos versos.

Agora podemos voltar à poesia brasileira, em um seu momento importante, no final do século XIX. Esse movimento foi chamado **Parnasianismo**. Tal nome veio de um monte grego, chamado Parnaso, que deu nome a uma revista francesa, chamada *Le Parnasse Contemporain*, em que os poetas franceses da época (segunda metade do século XIX) publicavam suas criações.

A principal preocupação dos poetas parnasianos era **a perfeição formal**. Observem que eles cultivavam também a linguagem apurada e preciosa. Usavam um vocabulário sofisticado, requintado e complexo. Lançavam mão do soneto, que vimos anteriormente, dos versos decassílabos (alguns utilizavam também o verso de 12 sílabas) e da chave-de-ouro. O que era a chave-de-ouro? Era o verso final dos sonetos que objetivava terminar com perfeição o poema. Vamos conhecer dois sonetos do século XIX para você ver a chave-de-ouro.

As Pombas

Raimundo Correia

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada³³
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres³⁴ voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

Disponível em http://www.releituras.com/raicorreia_menu.asp - Acesso 29/06/2008
11h.

Para os parnasianos, ao contrário dos românticos, a arte não poderia ter preocupações sociais ou sentimentais. Para isso usavam assuntos desligados de questões imediatas do dia-a-dia. Para eles, a arte não deveria ocupar-se de nada que não fosse... a própria arte. Daí seu mais famoso lema: “arte pela arte”. Como resultado, temos uma poesia que se voltou para cenas descritivas da natureza, civilizações exóticas, objetos e temas da mitologia greco-latina.

Vamos apresentar, agora, um soneto escrito por Olavo Bilac um dos mais importantes intelectuais do final do século XIX. Ele se destacou pela sua produção literária, escrevendo crônicas e muitos sonetos. Observe a forma, os versos, as rimas, as imagens, os temas e a chave-de-ouro.

³³ Vento frio que vem do norte

³⁴ Velozes, rápidos

VIA LÁCTEA

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
**Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.**

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0042-01281.html>

Antes de passarmos para o século XX, vamos pensar no que aconteceu historicamente no Brasil no final do século XIX, em linhas bem gerais, e em que produção literária pôde aparecer nesse contexto.

A evolução literária no final do século XIX não teve nenhuma alteração substancial. Tanto a Abolição dos Escravos (1888) quanto a Proclamação da República (1889) não representaram uma evolução sócio-política. A classe dominante continuou praticamente a mesma, antes e depois desses acontecimentos. Não podemos deixar, porém, de falar em um movimento poético importante: o **Simbolismo**. Todavia, a maneira como ele entrou (sem muita evidência) em nossas letras, é indicativa, de um lado, da continuidade no predomínio do Realismo e do Parnasianismo; de outro lado, é também sintoma da falta de verdadeiras mudanças no contexto sócio-político brasileiro

De onde vem a denominação **simbolismo**?

Para os autores e teóricos desse movimento, todo objeto encerra uma realidade oculta. A aparência física externa é a representação redutora da realidade. Como a realidade é algo indefinido, os poetas simbolistas traziam para a literatura essa mesma imprecisão. As imagens, as palavras, tudo sempre evoca uma atmosfera vaga, de mistério, como se as palavras perdessem o sentido cotidiano e costumeiro que damos a

elas. Eles escreviam sonetos, como os poetas parnasianos, mas usavam palavras que não faziam parte do uso comum da língua portuguesa. Vejam o soneto que Cruz e Sousa, poeta catarinense, escreveu para falar da “boca” humana. Você pode conhecer um pouco mais da vida desse autor e visitar o sítio do Palácio Cruz e Souza localizado no centro de Florianópolis.

BOCA

Cruz e Souza

Boca viçosa, de perfume a lírio,
Da límpida frescura da nevada,
Boca de pompa grega, purpureada,
Da majestade de um damasco assírio.

Boca para deleites e delírio
Da volúpia³⁵ carnal e alucinada,
Boca de Arcanjo, tentadora e arqueada,
Tentando Arcanjos na amplidão do Empírio,

Boca de Ofélia morta sobre o lago,
Dentre a auréola de luz do sonho vago
E os faunos³⁶ leves do luar inquietos...
Estranha boca virginal, cheirosa,
Boca de mirra e incensos, milagrosa
Nos filtros e nos tóxicos secretos...

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0042-01164.html>.
Acessado em 03/05/2006, às 11h.

Na segunda metade do século XIX algumas influências vieram alterar a visão de mundo ainda vinculada ao Romantismo, sobretudo o pensamento científico vinculado ao Positivismo³⁷ e a preocupação com os problemas sociais. No caso do Brasil, que é o que particularmente nos interessa, tivemos a importação de padrões culturais europeus, não só portugueses, mas notadamente franceses.

³⁵ Grande prazer dos sentidos.

³⁶ Divindade campestre com cabeça de cabras, cornuda e cabeluda.

³⁷ O método geral do positivismo de Auguste Comte consiste na observação dos fenômenos, subordinando a imaginação à observação. Em outras palavras, os positivistas abandonaram a busca pela explicação de fenômenos externos, como a criação do homem, por exemplo, para buscar explicar coisas mais práticas e presentes na vida do homem, como no caso das leis, das relações sociais e da ética.

O autor que se dizia realista queria fazer uma literatura mais próxima da realidade. Ele apresentava uma preocupação quase documental com os personagens, os eventos e os ambientes, usando um recurso literário que a Teoria da Literatura chama de verossimilhança³⁸. Com isso, procurava trazer para o conhecimento do leitor um mundo mais imediato e contemporâneo, mais próximo da realidade em que então se vivia.

Lembra que, quando estudamos a literatura romântica, dissemos que ela era centrada na primeira pessoa, no “eu”? Pois agora, na literatura realista, vai ser diferente. Os poetas e os escritores vão ter **uma atitude mais objetiva**, mais distanciada de seu intimismo, da sua subjetividade. Eles vão ter que mostrar menos proximidade com a emoção do que descrevem. O escritor realista, pretensamente, deve parecer um fotógrafo, sem emitir suas próprias opiniões ao retratar uma certa realidade.

Uma outra característica é a **preocupação em dar detalhes**. Nesse sentido, eles queriam se aproximar da ciência, que se detém na minúcia, nas descrições, na análise das partes, nas informações.

O objetivo final dos escritores, poetas e romancistas, que escreveram durante o Realismo era, assim, realizar uma profunda análise crítica da sociedade da segunda metade do século XIX. Para isso, faziam tanto uma análise psicológica das personagens, quanto uma análise sociológica do ambiente em que viviam. Veja a descrição feita pelo autor Aluísio de Azevedo no livro Casa de Pensão:

Campos não apertava a bolsa em questões de comida; queria mesa farta: quatro pratos ao almoço, café e leite à discrição; ao jantar seis, sopa e vinho. Os caixeiros falavam com orgulho dessa generosidade e faziam em geral boa ausência do patrão, que, entretanto, fora sempre de uma sobriedade rara: comia pouco, bebia ainda menos e não conhecia os vícios senão de nome.

Aos domingos, às vezes mesmo em dia de semana, aparecia para o jantar um ou outro estudante comprovinciano dos Campos ou algum freguês do interior, que estivesse de passagem na Corte e a quem lhe convinha agradar.

Luís Campos era homem ativo, caprichoso no serviço de que se encarregava e extremamente suscetível em pontos de honra; quer

³⁸ Trata-se da qualidade daquilo (imagem, evento, ambiente, personagem etc.) que dá a impressão ao leitor de ser em tudo semelhante ao que se encontra na realidade, em outras palavras, aquilo que parece verdadeiro. Em alguns casos, ser verossímil é mais difícil do que ser verdadeiro, pois, segundo escritor francês Boileau, “o verdadeiro pode, por vezes, não ser de modo algum verossímil”.

se tratasse de sua individualidade privada, quer de sua responsabilidade comercial.

Não descia nunca ao armazém, ou simplesmente ao escritório, sem estar bem limpo e preparado. Caprichava no asseio do corpo: as unhas, os cabelos e dentes mereciam-lhe bons desvelos e atenções.

Entre os companheiros, passava por homem de vistas largas e espírito adiantado; nos dias de descanso dava-se todo ao Figuiier, ao Flammarion e ao Júlio Verne; outras vezes, poucas, atirava-se à literatura; mas os verdadeiros mestres aborreciam-no e entreturbavam-no³⁹ com os rigorismos da forma.

— É um bom tipo! diziam os estudantes à volta do jantar, e no seguinte domingo lá estavam de novo. O “bom tipo” tratava-o muito bem, levava-os com a família para a sala, oferecia-lhes charutos, cerveja, e nunca exigia que lhe restituíssem os livros que lhes emprestava.

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0042-00742.html>.
Acessado em 26/04/2006, às 11h.

Você conseguiu entender as atitudes assumidas pela literatura realista? Vamos sintetizar agora para você.

- Atitude documental
- Atitude objetiva
- Atitude distanciadas das paixões e das emoções
 - Atitude crítica da realidade
 - Linguagem clara e objetiva
- Temas do mundo contemporâneo
- Observação da raça, do meio e do momento em que as personagens vivem

Agora você vai conhecer um dos escritores mais representativos da Literatura Brasileira. Seu nome é Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS. Ele foi cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta. Fundou a Academia Brasileira de Letras e foi o precursor do romance psicológico no Brasil. Machado faleceu em 1908, de modo que agora em 2008, com o centenário de sua morte, muitas homenagens lhe estão sendo prestadas, seja na forma de estudos e de eventos, seja com a publicação de livros que versam sobre a importância de sua obra. Merece

³⁹ Perturbar de leve.

destaque, nesse sentido, a digitalização de toda a sua obra está sendo realizada por uma equipe da UFSC, permitindo o acesso aos textos integrais, de modo livre e gratuito a qualquer internauta dentro de mais alguns meses. Por enquanto, o endereço recomendável é o de um projeto que conta com a participação da Academia Brasileira de Letras: <http://www.machadodeassis.org.br/>.

Embora tenha se destacado amplamente na prosa, Machado de Assis escreveu em todos os gêneros literários: conto, romance, poesia, teatro, crônica, crítica literária, epistolografia, ou o gênero literário referente às cartas. No início da sua carreira de escritor, seus romances estavam mais próximos da literatura romântica. Todavia, se eram histórias em que se contavam casos de amor, não deixava de incluir críticas aos casamentos motivados pelo desejo de ascensão social, assunto pouco explorado pelos românticos e que seria, mais tarde, matéria importante nas mãos dos realistas. Você pode encontrar na Biblioteca da sua cidade ou da sua Universidade, esses romances: *Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia*.

Todavia, são seus romances da segunda fase como escritor, já mais amadurecido, na idade e intelectualmente, que vão representar um grande momento literário da história da Literatura Brasileira: *Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. Nesses romances, Machado de Assis explora temas como:

- Abordagem psicológica refinada dos personagens
- Análise crítica profunda da sociedade brasileira do século XIX
- Ironia na descrição e na análise do comportamento do homem e da sociedade brasileira
- Conversas com o leitor durante a narrativa
- Romances escritos em capítulos curtos

Também no conto se afirma a maestria de escritor de Machado de Assis. Ele vai ser o nosso primeiro grande contista. Vamos interromper agora um pouco o nosso conhecimento da história da literatura brasileira para pensarmos um pouco sobre esse gênero literário.

Você sabe o que é o **conto**?

O conto é uma narrativa de menor extensão do que o romance. Ele se originou nos mitos, nos contos infantis, nas histórias do folclore, nos contos falados. Todavia, o conto literário é escrito e elaborado segundo características estéticas, que dizem respeito

à arte literária. É importante também dizer que o contista não se preocupa com a totalidade de uma grande história; ele enfatiza um lampejo, uma minúcia, um pequeno detalhe, ele conta um fato, um episódio interessante, a partir do qual pode ser possível perceber a totalidade. O conto elimina as análises minuciosas e as complicações do enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço.

Vamos conhecer um conto de uma escritora brasileira chamada Clarice Lispector, que mais tarde você vai conhecer melhor. O conto chama-se **Uma galinha**.

Uma Galinha

Clarice Lispector

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com

dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma. Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a

cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Texto extraído do livro “Laços de Família”, Editora Rocco — Rio de Janeiro, 1998, pág. 30. Selecionado por Ítalo Moriconi, figura na publicação “Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século”.

O que você encontrou neste conto chamado **Uma galinha?**

- Uma estrutura concentrada
 - Ações externas
 - A fuga da galinha como se ela tivesse desejos
- A superioridade do ser humano sobre os animais
 - A maternidade como valor (o ovo)
 - A galinha como animal de estimação
 - A humanização da galinha
 - O destino final de todas as galinhas

Neste conto, a escritora Clarice Lispector deu um caráter poético a um simples fato cotidiano. Vamos voltar a Machado de Assis e ver como ele também foi mestre em trabalhar com narrativas curtas. Uma delas é muito interessante, porque Machado

transforma *uma agulha* e *uma linha* em personagens para fazer uma crítica ao século XIX. Esse tipo de texto é chamado de apólogo. Você sabe o que é um apólogo⁴⁰?

Um Apólogo, de Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— *Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?*

— *Deixe-me, senhora.*

— *Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.*

— *Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.*

— *Mas você é orgulhosa.*

— *Decerto que sou.*

— *Mas por quê?*

— *É boa! Porque coso⁴¹. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?*

— *Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?*

— *Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...*

— *Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...*

— *Também os batedores vão adiante do imperador.*

— *Você imperador?*

⁴⁰ Alegoria moral, em que geralmente os animais ou as coisas inanimadas falam e procedem como os homens.

⁴¹ Do verbo coser, significa costurar.

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava⁴² daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas⁴³. Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze

⁴² Puxar para cima ou para o lado.

⁴³ Escrava negra de estimação escolhida para ajudar nos serviços caseiros, para acompanhar pessoas da família ou para servir de ama-de-leite.

como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0037-01629.html>.
Acessado em 27/04/2006, às 11h.

Um conto que você já deve conhecer de Machado de Assis é *A Cartomante*. Ele também escreveu **crônicas e poemas**. Quando estudamos a Carta de Caminha já falamos do que seria **uma crônica**. Quando estudarmos a literatura do século XX, vamos aprofundar esse estilo literário. Por enquanto, veja um poema de Machado de Assis chamado “À Carolina”, poema esse escrito para sua esposa, quando já falecida.

À CAROLINA

Machado de Assis

*QUERIDA, ao pé do leito derradeiro⁴⁴
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.*

*Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida⁴⁵
E num recanto pôs um mundo inteiro.*

*Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.*

*Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.*

Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0043-01801.html>.
Acessado em 27/04/2006, às 11h.

⁴⁴ Que vem atrás; que está depois; último.

⁴⁵ Desejada, ambicionada

UNIDADE 4: SÉCULO XX

Poderíamos ainda pensar outros escritores e outras formas literárias do final do século XIX, mas vamos deixar aqui algumas anotações para pesquisas futuras. Estudar o final do século XIX é conhecer os primeiros anos do regime republicano⁴⁶ e a oligarquia rural⁴⁷. Mas é também conhecer uma época cultural muito importante para a cidade do Rio de Janeiro. Um dos escritores mais importantes dessa época foi o escritor **Monteiro Lobato**.

Até os dias de hoje, Monteiro Lobato tem grande importância não só para a literatura em geral, mas também para a literatura infantil em particular. Ele é o autor da famosa série *O Sítio do Picapau Amarelo* e escreveu também livros políticos e contos regionalistas. Tinha uma linguagem fluente e oral e sempre tomava posições críticas, sobretudo quanto à decadência do interior de São Paulo.

Monteiro Lobato foi acusado de antimodernista porque escreveu um artigo contrário à exposição da pintura vanguardista de Anita Malfatti, intitulado “Mistificação ou Paranóia”. Com seu artigo, a intenção de Lobato era criticar “a influência dos "futurismos" nas telas da artista. Para ele, cada arte, como as ciências, tem suas leis (proporção, simetria etc.), e Malfatti era excelente artista quando as cumpria, tinha um "talento vigoroso, fora do comum", porém, o escritor não gostava quando a artista se deixava seduzir pelas vanguardas européias, assumindo, segundo ele, "uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia". In: http://www.miniweb.com.br/cidadania/personalidades/monteiro_lobato.html

Desta forma, a exposição de Anita Malfatti funciona como elemento deflagrador de um movimento que explodiria na Semana de Arte Moderna.

A partir desse evento podemos pensar a literatura do século XX que começa com o movimento modernista.

No Brasil, entramos no século XX com várias novidades que modificaram a estrutura da sociedade brasileira: a imigração iniciada na metade do século XIX, a urbanização que levou cada vez mais pessoas a morar nas cidades, o fortalecimento de

⁴⁶ Relativo a um governo em que o povo exerce a sua soberania por intermédio de seus delegados e representantes eleitos por tempo fixo.

⁴⁷ Forma de governo em que um pequeno grupo de indivíduos, provenientes em geral de grandes famílias rurais, detêm o poder público.

uma burguesia industrial, a influência norte-americana em substituição à inglesa e à francesa, o surgimento do cinema, do asfalto nas estradas, do automóvel.

Assim, tanto na Europa quanto no Brasil, esse início de século XX trazia para o artista a questão da novidade, da invenção, da inovação, da superação do passado.

Como pensar a **literatura brasileira** nesse contexto?

Em 1912, o escritor brasileiro Oswald de Andrade, ainda bastante jovem, fez uma viagem à Europa e trouxe consigo idéias estéticas do movimento futurista⁴⁸. Leia um pouco mais sobre o que foi o futurismo e como ele teve influências no desenvolvimento das artes nesse período.

Em 1913, Lasar Segall, um pintor lituano recém-chegado ao Brasil, realizou uma exposição de pintura, considerada **moderna**, sendo bastante elogiado pelos jornais da época. Dois anos mais tarde, em 1915, Portugal também realiza uma revolução estética modernista e lança uma revista chamada *Orpheu*. Dela fazem parte alguns escritores portugueses bastante importantes e o poeta e historiador brasileiro Ronald de Carvalho, que traz influências para o Brasil.

Já em 1917, ocorre em São Paulo a exposição da pintora Anita Malfatti, aquela que, conforme comentamos anteriormente, recebeu críticas de por Monteiro Lobato. A ousadia da pintora criava uma reação entre intelectuais e críticos mais conservadores. Conheça algumas obras dessa pintora que influenciou o Movimento da Arte Moderna:

⁴⁸ “O futurismo foi um movimento fundado pelo poeta italiano *Marinetti*, que redigiu um manifesto e tentou espalhá-lo em 1909. Nesse manifesto, já proclamava o fim da arte passada e a ode à arte do futuro (futurismo, daí o nome do movimento). Com implicações políticas, buscava tornar a Itália livre do peso de sua história e inserí-la no mundo moderno”.

Disponível em: http://www.pitoresco.com.br/art_data/futurismo/index.htm, acesso dia 15/04/2008, as 12:00.

“O segundo manifesto, de 1910, resultou do encontro do poeta com os pintores e, para eles, os objetos não se esgotam no contorno aparente e seus aspectos se interpenetram continuamente num só tempo, ou vários tempos num só espaço. [Com isso], o grupo pretendia fortalecer a sociedade italiana através de uma pregação patriótica que incluía a aceitação e exaltação da tecnologia”.

Disponível em: <http://www.historiadaarte.com.br/futurismo.html>-Acesso dia 15/04/2008, às 12:10

Paisagem de Santo Amaro, Anita Malfatti



O Violeiro e a Daminha no Engenho, Anita Malfatti



Fonte: http://www.pinturabrasileira.com/artistas_det.asp?cod=1042&in=1&cod_a=95

As críticas que a pintora Anita Malfatti recebeu de Monteiro Lobato fizeram com que ela ficasse dois anos sem pintar ou expor. No entanto, esse ataque motivou um grupo de artistas a planejarem uma **Semana de Arte Moderna**, como que para abrir de forma ousada e “futurista” (como vários deles se diziam) o ano de comemorações do centenário da independência do Brasil.

A Semana de Arte Moderna, que aconteceu nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, reuniu artistas de várias áreas (música, artes plásticas, literatura). A Semana incluiu recitais de música, exposições de artes plásticas, sessões de leituras de poesias, conferências sobre as novas idéias, debates e acaloradas discussões. Aqui você pode ver seus organizadores reunidos:

ORGANIZADORES DA SEMANA DE 1922



Fonte: http://www.historianet.com.br/imagens/historia_saopaulo_4.jpg

Podemos dizer que a Semana de Arte Moderna representou um grito de guerra, com o objetivo claro de derrubar a cultura ultrapassada que dominava o país. Os nomes mais importantes do movimento modernista no Brasil foram os escritores Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade, os pintores Lasar Segall, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, o escultor Victor Brecheret e o compositor Villa Lobos. Aqui você pode ver Anitta Mafalitti, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade juntos:



Fonte: http://www.pitoresco.com.br/art_data/semana/

Passada a Semana de Arte Moderna os escritores se sentiram livres para o processo de criação. De fato, passado mais de vinte anos da Semana, Mário de Andrade sintetizou suas conquistas. Numa conferência publicada pela Casa do Estudante, em 1943, ele disse que três foram as principais propostas dos modernistas: “direito permanente de pesquisa estética”, “estabilização de uma consciência criadora nacional” e “atualização da inteligência artística nacional”.

Vamos, então, conhecer esse que foi um dos mais importantes escritores **da primeira fase modernista (aproximadamente entre 1920 e 1930): Mário de Andrade**. Suas inovações não são apenas nos temas de seus textos, mas também nas

formas que ele usa. Você lembra do poema *Se eu morresse amanhã*, de Álvares de Azevedo que apresentamos quando falamos do Romantismo? Releia aquele poema e depois compare com a versão escrita por Mário de Andrade. O que você percebe na leitura dos dois textos?

QUANDO EU MORRER

Mário de Andrade

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.

Disponível em : <http://www.algumapoesia.com.br/poesia/poesianet078.htm>. Acessado em 03/05/2006, às 11h.

Nesta obra de Mário de Andrade, intitulada *Macunaíma: herói sem nenhum caráter*, temos, talvez, a criação máxima de Mário de Andrade. Veja como Mário de Andrade se valeu da cultura indígena, dos mitos para criar a sua história. É um romance muito inovador na linguagem e na temática. Há muitos estudos sobre este romance. O romance pode ser assim resumido:

Macunaíma nasce sem pai, na tribo dos índios Tapanhumas. Após a morte da mãe, ele e os irmãos (Maamape e Jinguê) partem em busca de aventuras. Macunaíma encontra Ci, Mãe do Mato, rainha das Icamiabas, tribo de Amazonas, faz dela sua mulher e torna-se Imperador do Mato-Virgem. Ci dá à luz um filho, mas ele morre e ela também (Ci se transforma na estrela Beta do Centauro). Logo em seguida, Macunaíma perde o amuleto (muiraquitã) que ela lhe dera. Sabendo que o amuleto está nas mãos de um mascate peruano que morava em São Paulo e que na verdade é Piaimã, o gigante antropófago, Macunaíma, acompanhado dos irmãos (Jiguê e Maanape), rumam ao seu encontro. Após inúmeras aventuras em sua caminhada, o herói recupera o amuleto, matando Piaimã. Em seguida, Macunaíma volta para o Amazonas e, após uma série de aventuras finais, sobe aos céus, transformando-se na constelação da Ursa Maior.

Como vimos desde a unidade 1, o índio foi personagem constante desde o primeiro documento arrolado na Literatura Brasileira, a *Carta de Caminha*. Ele é o elemento que tenta afirmar uma identidade nacional na produção literária brasileira. Na carta de Caminha há o olhar deslumbrado do europeu colonizador sobre a natureza e sobre o elemento nativo com seus usos e costumes. Na literatura romântica há a recuperação do mito do bom selvagem com personagens indígenas idealizados na sua beleza e na sua pureza. Na literatura modernista o índio reaparece, mas agora é como um elemento de provocação à idealização romântica. Macunaíma, por exemplo, é construído enquanto personagem sem idealização, uma espécie de “malandro e aventureiro brasileiro”, nascido na Amazônia, deslocando-se por todo o Brasil até chegar à civilização industrial em São Paulo. Em 1969, Macunaíma foi adaptado para o cinema por Joaquim Pedro de Andrade. Aqui estão algumas fotos do filme realizado por Joaquim Pedro de Andrade, em 1969:



<http://www.primeiraleitura.com.br/auto/index.php?edicao=2033>



Fonte: <http://www.contracampo.com.br/27/macunaimaemquestao.htm>

Outro escritor importante do movimento modernista foi **Oswald de Andrade**. Ele produziu romances e poemas. Seus romances mais típicos são construídos no que se chama de “linguagem telegráfica”: a sintaxe é reduzida ao essencial, mas a linguagem ganha um colorido especial e inusitado, devido à justaposição de sintagmas (sobretudo a combinação de substantivos e adjetivos). Escreveu também peças para o teatro. Lembre que lemos *Canção do Exílio*, poema romântico de Gonçalves Dias. Oswald de Andrade fez uma paródia deste poema. Vamos conhecê-lo:

Canto de regresso à pátria

Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

Disponível em: http://www.releituras.com/oandrade_canto.asp. Acessado em
03/05/2006, às 11h.

Outro escritor que não estava presente na Semana de Arte Moderna, mas produziu excelentes poemas na primeira fase modernista, foi Manuel Bandeira.

Manuel Bandeira é considerado um dos mais importantes poetas do século XX. Ele explorou a liberdade formal, mas soube, de uma maneira muito original, explorar dois temas importantes: a melancolia e a simplicidade na escolha dos temas e na elaboração da linguagem. Bandeira tratava o cotidiano com uma dose de lirismo, de poesia e fazia poemas de coisas triviais e cotidianas: de homens tomando café num bar, até propaganda de sabonete. Ele usa vocabulário muito simples, construções sintáticas usuais e, em sua maioria, elabora poemas curtos.

Vou-me Embora pra Pasárgada

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente

Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo

Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Texto extraído do livro "Bandeira a Vida Inteira", Editora Alimbramento – Rio de Janeiro, 1986, pág. 90
Disponível em: http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp. Acessado em 03/05/2006, às 11h.

A segunda fase modernista (que corresponde aproximadamente ao período entre 1930 e 1945) apresenta algumas características que dão seqüência aos desejos dos primeiros modernistas. No entanto, não perseguem o caminho da renovação sistemática e programática da linguagem, abandonando a radicalização formal que se seguiu à Semana de Arte Moderna.

Os romances escritos nessa fase tinham como objetivo fazer críticas às injustiças sociais, sem deixar de incorporar realidades, perspectivas e linguagens regionais. Retomam, com isso, aspectos relevantes do Realismo do século XIX, incorporando, de certa forma, sugestões e tentativas de alguns pré-modernistas (como Monteiro Lobato).

Se há, então, uma proximidade entre esses romances da década de 30 e os romances realistas do século XIX, é importante perguntar em que eles se diferenciam?

Os romances realistas tinham uma visão científica e anti-sentimental; os escritores de romances da segunda fase modernista optam por uma arte que desperte o leitor emotivamente, a partir da constatação e da denúncia de injustiças sociais.

E quem foram os poetas importantes deste período?

Vamos dar destaque à poesia de **Carlos Drummond de Andrade**. Ele inova na forma e na temática que escolhe para os seus poemas. Veja aqui um de seus poemas mais conhecidos:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/drumm2.html#nomeio>

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim
que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para o Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.
Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/drumm2.html#quadrilha>

Voltemos ao contexto histórico para conhecer outros escritores importantes. O ano de 1945 é o do fim da Segunda Guerra Mundial e marca a volta da democracia no Brasil⁴⁹.

⁴⁹ Para saber mais sobre este período histórico, você poderá ler o livro *História do Brasil*, de Boris Fausto.

Na literatura, poderíamos chamar este período de maturidade do Modernismo. Os escritores buscam uma literatura renovada, retomam as pesquisas de inovação formal, renovando cada vez mais a literatura brasileira.

O principal escritor deste período é **Guimarães Rosa. Podemos ver pela sua biografia o interesse que tinha pelas diferentes línguas.** Suas histórias são todas ambientadas no interior de Minas Gerais e, em sua escrita, ele escreve e reinventa a voz do caboclo mineiro. Seu principal romance é *Grande sertão: veredas*, obra narrada em primeira pessoa por Riobaldo, ex-vaqueiro, e agora fazendeiro às margens do Rio Urucuia, em Minas Gerais. Há um interlocutor conversando com Riobaldo, mas é apenas o ex-vaqueiro quem fala, um longo monólogo em que se misturam misticismo⁵⁰, existencialismo, filosofia, ditos populares, ação e emoções. De um lado, temos a preocupação do narrador em saber se fez ou não pacto com o Demônio; de outro, a estranheza que ele mesmo sente pela sua atração pelo jagunço Diadorim. O texto foi adaptado para a televisão como uma mini-série⁵¹.

Vamos agora ao encontro de **Clarice Lispector**. Você já leu o apólogo escrito pela autora no conto *Uma Galinha*, bem como o apólogo de Machado de Assis em que uma agulha e uma linha são transformadas em personagens de uma crítica ao século XIX. Clarice e Machado preferiram a introspecção à narração de fatos e eventos. Clarice é uma escritora densamente psicológica e esse seu alto grau de intimismo desdobra-se numa prova detalhista e poética, criando uma linguagem atraente. Faz o que se convencionou chamar, nos últimos anos, literatura feminina. Além de romancista, foi também excelente cronista e contista.

No site www.claricelispector.com.br você encontra a cronologia de Clarice Lispector suas fotos, as capas de seus livros e entrevistas concedidas para a televisão e o rádio, além de matérias de jornais feitas com ela. Vamos conhecer a narrativa em que a autora nos traz lembranças da infância.

⁵⁰ Crença na comunicação oculta entre os homens e a divindade, no sobrenatural, devoção religiosa e contemplativa.

⁵¹ No link <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM692396-7822-MORRE+DIADORIM,00.html> é possível assistir ao momento da morte de Diadorim.

Medo da Eternidade

Clarice Lispector

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava pra comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

"Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira".

"Como não acaba?" Parei um instante na rua, perplexa.

"Não acaba nunca e pronto"

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível, do qual já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

"E agora que é que eu faço?" Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

"Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários."

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.

"Acabou-se o docinho. E agora?"

"Agora mastigue para sempre."

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a

vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da idéia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava, obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

"Olha só o que aconteceu!" Disse eu em fingido espanto e tristeza. "Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!"

"Já lhe disse" repetiu minha irmã "que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia eu lhe dou outro, e esse você não perderá."

Eu estava envergonhada diante da bondade da minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

UNIDADE 5 - A LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE

Na contemporaneidade, não vamos pensar apenas na literatura e na sua inserção histórica, como procuramos fazer até agora, mas vamos pensar na literatura e na sua inserção cultural entre as demais formas de manifestações artísticas como as que podemos observar abaixo:

Grupo Cena 11 Cia. De Dança - Skinnerbox



GRUPO CENA 11 CIA. DE DANÇA | SKINNERBOX | Anderson Gonçalves e Karin Serafin | foto: Fernando Rosa

http://www.funesc.pb.gov.br/2005/xifenart/galeria_imprensa.php

Tocadora de realejo, de Rodrigo de Haro



http://www.clubedoze.com.br/imagens/galeria/pages/gal_1_jpg.htm

Uma homenagem ao Papa João Paulo II

(Ioannes Paulus PP.II Karol Wojtyła) 2004,



<http://www.villamanincontemporanea.it/html/eng/exhib.htm>

Uma idéia importante para se pensar a literatura na contemporaneidade seria retomar a idéia de **texto literário**.

O que é um texto literário?

É um dispositivo que produz significações a partir de uma percepção artística da linguagem. Todo texto vai ser, então, resultado de uma leitura. O texto não se limita ao escrito, implica, sobretudo, o olhar do outro, e não apenas daquele que escreve.

Se uma fotografia, uma escultura ou um filme são textos, como sei que um texto é literário? Não há uma resposta acabada e definitiva. A Teoria da Literatura⁵² tem nos fornecido, desde o início do século XX, elementos para se tentar apreender o objeto da literatura.

Vamos recuperar alguns conceitos que você aprendeu nos tópicos anteriores. O que seria, por exemplo, um **texto poético**?

Não existe uma definição que dê conta do que é mesmo a poesia. Quando você leu os poetas românticos brasileiros, os poetas parnasianos, os poetas simbolistas e os poetas modernistas, pôde perceber que a poesia consegue tocar o espírito e provocar emoção, a partir de uma maneira específica de construir a linguagem. Segundo o poeta francês Paul Valéry, um poema é uma máquina de criar emoções.

O poeta tem sensibilidade em relação à língua em que se expressa, tem imaginação e sabe trabalhar a sua linguagem. A poesia é, assim, a arte da linguagem. O poema não só combina palavras, versos, sons e ritmos. Ele combina pensamentos, gestos, sentimentos. O poema é a concretização formal da poesia.

O verso tradicional se caracteriza por sua medida (número regular de sílabas métricas), pelo seu ritmo (cadência e alternância de sons) e pela rima (repetição de uma mesma sonoridade ao final dos versos). Tradicionalmente, nas línguas latinas, os versos são delimitados por uma mudança de linha. No final do século XIX, houve a introdução do verso livre, isto é, de versos que não tinham nenhuma métrica ou que utilizam algumas métricas distintas. No século XX, desde o Modernismo, o experimentalismo⁵³ inovou muito o modo de fazer poesia, associando elementos fortemente visuais, utilizando recursos das linguagens dos meios de comunicação de massa e buscando abolir a utilização do verso tradicional. Podemos exemplificar as experiências concretistas.

⁵² Um bom livro de teoria é o de Antoine Compagnon chamado *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum*, publicado em 1999 pela Editora da UFMG.

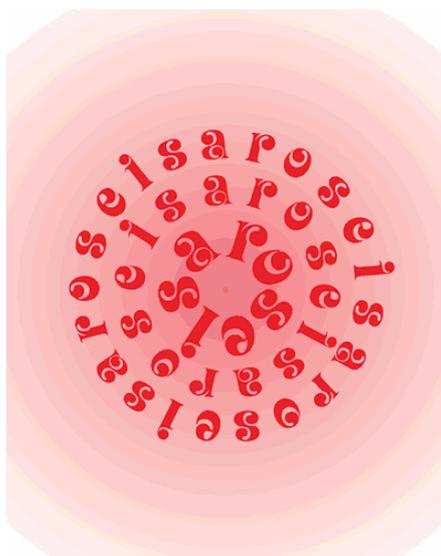
⁵³ Uma boa referência de leitura é o livro de 1991 de Waldenyr Caldas chamado *Cultura de Massa e Política de Comunicações*.

TERRA

Na terra tem cor
Na terra tem movimento
Na terra tem um giro constante
Na terra tem pássaros cantando
Na terra tem uma grande tecnologia
Na terra tem uma natureza exuberante
Na terra tem um montão de coisas boas
Na terra tem crianças que brincam e são felizes
Na terra tem uma grande escada que sobe
Na terra tem uma grande escada que desce
Na terra tem guerras com bombas que matam
Na terra tem pessoas que matam sem dó
Na terra tem outras pessoas que roubam
Na terra tem pessoas que passam fome
Na terra tem coisas que poluem
Na terra tem coisas que destroem
Na terra tem coisas ruins
Enfim na terra

de Alexandre de Almeida Janny Teixeira

Disponível em http://www.santacruz.g12.br/pcon_te1.htm



de Augusto de Campos

Disponível em:

http://www.un_espirro.blogspot.com/2003_11_01_un_espirro_archive.html

É importante salientar que essas formas experimentais convivem com formas tradicionais, e umas influenciam e alimentam as outras. Alguns poemas, embora dialoguem diretamente com a versificação tradicional, não deixam de remeter a alguns

elementos dessas formas visuais e dessas experiências verbais e sonoras da poesia concreta.

Um elemento poético muito importante é a **metáfora**. A metáfora é uma relação entre duas palavras ou imagens, estabelecida pelo escritor e que se baseia em uma associação de idéias, subjetiva e parcialmente arbitrária. Com a metáfora, uma palavra deixa seu contexto para participar de outro. Veja este exemplo:

METÁFORA

Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta

Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/487564/> - Acessado 29/06/2008
11h.

A partir da segunda metade do século XX, as experiências formais em criação poética se aproximaram das tecnologias de informação e comunicação, da cibernética e da informática, resgatando, por outro lado, experiências formais dos séculos XVII e XVIII. Essa mistura de tecnologia contemporânea e de procedimentos mais antigos é interessante e confere uma feição especial à criação artística atual. Não apenas os gêneros, mas as artes e as épocas são misturadas, sem preocupação com hierarquias rigorosas entre eles todos.

O teatro é um gênero que procura representar materialmente o real. No palco, os atores e as atrizes representam para o público em um espaço definido. A cena aponta para o real, através de seus cenários, suas iluminações, seus objetos, seus figurinos, dos atores se movendo e falando no palco. Contudo, o realismo nem sempre prepondera, pois as representações podem ser simbólicas. Uma garrafa de Coca-Cola sobre uma mesa pode representar algo além de sua mera presença, pode, entre outras coisas, sugerir a influência da cultura americana. É importante salientar que uma peça teatral envolve muitas pessoas: o escritor da peça, os atores, o diretor, o cenógrafo, o figurinista, os iluminadores e o público.

Vamos colocar aqui um ato de uma peça teatral, de um dramaturgo importante na contemporaneidade. Seu nome é **Nelson Rodrigues**.

Como você imagina a representação desta peça?

(Começa o terceiro ato com o teatro em trevas. Clessi e Alaíde ao microfone.)

Clessi (microfone) — Talvez você não tenha assassinado seu marido.

Alaíde (microfone) — Mas eu me lembro! Foi com um ferro — bati na base do crânio!

Aquí.

Clessi (microfone) — Às vezes, pode ter sido sonho!

Alaíde (microfone, com um acento doloroso) — Sonho — será? Estou com a cabeça tão virada! Pode ser que tudo tenha ficado só na vontade!

Clessi (microfone) — Então aconteceu o quê, na igreja?

(Luz no plano da memória. Estão Clessi e o seu namorado vestidos à maneira de 1905.)

Alaíde (microfone) — Estou sempre com a idéia que seu namorado tinha a cara de Pedro.

(Clessi e Pedro sentados, num récamier.)

Clessi (com o mesmo vestido, mas sem chapéu) — Quer ver meus coelhinhos no quintal?

Namorado (frio) — Não.

Clessi (meiga) — Tem uns tão bonitos! (levantam-se os dois. Ele olha-a, depois senta-se de costas para ela. Clessi anda e volta.)

Trecho de *Vestido de Noiva*

Você observou o predomínio de diálogos entre os personagens? Essa é a característica principal e mais evidente do texto teatral. Os diálogos predominam, claro, mas são conduzidos ou contextualizados pelas marcações (também chamadas de rubricas ou didascálias) fornecidas pelo autor, em que se busca dar informações sobre os movimentos dos atores, o tom de voz, as expressões corporais etc.

Agora vamos conhecer alguns contos e crônicas contemporâneas. Observe que buscamos organizá-los segundo temáticas que estão relacionadas a algumas questões do mundo contemporâneo e que são constantemente abordadas pelos escritores da atualidade.

1. A tecnologia

Zap

Moacyr Scliar

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para outro — uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto — zap, mudo para outro. Não gosto de novo — zap, mudo de novo. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre, minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que — zap — mudo de canal. "Não me abandone, Mariana, não me abandone!" Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e — zap — um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um roqueiro. Tal veemência se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu

pai.

É sobre mim que fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido — situação pouco admissível para um roqueiro de verdade —, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência — e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? — mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina — refletores que se acendem? — e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento zap — aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está — à exceção do pequeno relógio que usa no pulso — nua, completamente nua.

O texto acima, publicado em "Contos Reunidos", Companhia das Letras — São Paulo, 1995, consta também do livro "Os cem melhores contos brasileiros do século", seleção de Italo Moriconi, Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000, pág. 555.

Disponível em http://www.releituras.com/mscliar_zap.asp

Luísa julgava impossível terminar seu caso com Mário. Um dia, tenra como um pintinho saído da casca, chamou Mário à sua casa e pediu que não a procurasse mais. Ele relutou, mas foi. Ela nem chorou. Abriu a bolsa, apanhou a agenda e anotou o único compromisso para o próximo fim de semana: ser feliz.

Luísa julgava impossível terminar seu caso com Mário. Sofria da síndrome do fracasso prévio, já tentara mil vezes e nunca havia conseguido. Um dia, tenra como um pintinho saído da casca, chamou Mário à sua casa e pediu que não a procurasse mais. Ele relutou, mas foi. Ela nem chorou. Abriu a bolsa, apanhou a agenda e anotou o único compromisso para o próximo fim de semana: ser feliz.

Luísa julgava impossível terminar seu caso com Mário. Sofria da síndrome do fracasso prévio, já tentara mil vezes e nunca havia conseguido. Aquele amor mais parecia um câncer ou vício que não se cura. Ela esperava que um milagre acontecesse. Um dia, tenra como um pintinho saído da casca, chamou Mário à sua casa e pediu que não a procurasse mais. Antes, porém, sentou no colo e falou que talvez ainda valesse a pena tentar. Mário não disse palavra. Ela fez pé firme e pediu que ele fosse embora de uma vez. Ele relutou, mas foi. Ela nem chorou. Fez um café, sentou-se na sala e acendeu um cigarro. Abriu a bolsa, apanhou a agenda e anotou o único compromisso para o próximo fim de semana: ser feliz.

Luísa julgava impossível terminar seu caso com Mário. Sofria da síndrome do fracasso prévio. Já tentara mil vezes e nunca havia conseguido. Estavam juntos há mais de oito anos, mas Mário só prometia casamento quando bebia além da conta. Aquele amor mais parecia um câncer ou vício que não se cura. Ela esperava que um milagre acontecesse. Um dia, tenra como um pintinho saído da casca, chamou Mário à sua casa e pediu que não a procurasse mais. Antes, porém, sentou no colo e falou que talvez ainda valesse a pena tentar. Mário não disse palavra. Nisso tocou o telefone. Era a mulher de Mário dizendo que hoje era o último dia para pagar o Credicard. Mário pediu dinheiro emprestado a Luísa e foi entregar à mulher que estava esperando lá embaixo. Com o talão de cheques aberto sobre a mesa, Luísa disse olhando fundo nos seus olhos: você não tem dó de mim? Mais do que você pensa, ele respondeu. Tava na cara que aquilo era frase feita, ele nunca quis mudar a situação. Ela fez pé firme e pediu que ele fosse embora de uma vez. Ele relutou, mas foi. Ela nem chorou. E eu ainda lhe paguei o

Credicard. Fez café, sentou-se na sala e acendeu um cigarro. Abriu a bolsa, apanhou a agenda e anotou o único compromisso para o próximo fim de semana: ser feliz.

Luísa julgava impossível terminar seu caso com Mário. Sofria da síndrome do fracasso prévio, já tentara mil vezes e nunca havia conseguido. Estavam juntos há mais de oito anos, mas Mário só prometia casamento quando bebia além da conta. No começo foi um romance muito apaixonado. Acreditavam que haviam nascido um para o outro. Hoje, aquele amor mais parecia um câncer ou vício que não se cura. Ela esperava que um milagre acontecesse. Um dia, tenra como um pintinho saído da casca, chamou Mário à sua casa e pediu que não a procurasse mais. Antes, porém, sentou no colo e falou que talvez ainda valesse a pena tentar. Mário não disse palavra. Nisso tocou o telefone. Era a mulher de Mário dizendo que hoje era o último dia para pagar o Credicard. Mário pediu dinheiro emprestado a Luísa e foi entregar à mulher que estava esperando lá embaixo. Com o talão de cheques aberto sobre a mesa, Luísa disse olhando fundo nos seus olhos: você não tem dó de mim? Mais do que você pensa, ele respondeu. Tava na cara que aquilo era frase feita, ele nunca quis mudar a situação. Ela fez pé firme e pediu que ele fosse embora de uma vez. Não sei se se fez de surdo ou de bobo, mas sugeri que fossem comprar cerveja pra lavar a serpentina. Luísa disse que não estava a fim de cerveja porcaria nenhuma e que não queria prolongar aquele inferno por mais nenhum minuto. Ele relutou, mas foi. Ela nem chorou. E eu ainda lhe paguei o Credicard. Fez café, sentou-se na sala e acendeu um cigarro. Abriu a bolsa, apanhou a agenda e anotou o único compromisso para o próximo fim de semana: ser feliz.

Meu nome é Luísa, tenho trinta e sete anos e sempre julguei impossível terminar meu caso com Mário. Passei a sofrer a síndrome do fracasso prévio, já tentara mil vezes e nunca havia conseguido. Estávamos juntos há mais de oito anos, mas Mário só prometia casamento quando bebia além da conta. Sóbrio, tinha sempre um punhado de razões: o filho, os cachorros, a casa, a mulher, o papagaio, a mãe doente, a grana. No começo foi um romance muito apaixonado. Acreditávamos que havíamos nascido um para o outro. Hoje, aquele amor mais parecia um câncer ou vício que não se cura. Sempre esperei que um milagre acontecesse. Um dia, tenra como um pintinho saído da casca, chamei Mário à minha casa e pedi que não me procurasse mais. Antes, porém, sentei no colo e falei que talvez ainda valesse a pena tentar. Mário não disse palavra. Depois ri: você já me falou isto mil vezes. Nisso tocou o telefone. Era a mulher dele dizendo que hoje era o último dia para pagar o Credicard. Pois ele teve a cara de pau de

me pedir dinheiro emprestado e levar à mulher que estava esperando lá embaixo. Quando perguntei: e nós? E a nossa situação? Ele me disse: hoje é o último dia pra pagar o Credicard e você quer que eu pense na nossa situação? Ao subir, me encontrou feito estátua na sala de jantar. Olhei fundo nos seus olhos e perguntei: você não tem dó de mim? Mais do que você pensa, ele respondeu. Tava na cara que aquilo era frase feita, Mário nunca quis mudar a situação. Fiz pé firme e pedi que ele fosse embora de uma vez. Não sei se se fez de surdo ou de bobo, mas sugeri que fôssemos comprar cerveja pra lavar a serpentina. Disse-lhe que não estava a fim de cerveja porcaria nenhuma e que não queria prolongar aquele inferno por mais nenhum minuto. Ele relutou, mas foi. Eu nem chorei. E eu ainda lhe paguei o Credicard. Depois que ele saiu, fiz café, sentei-me na sala e acendi um cigarro. Nunca mais fui feliz.

Disponível em: http://www.releituras.com/ivanaleite_menu.asp

3. A solidão urbana

Lixo

Luís Fernando Veríssimo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...

- Bom dia.

- A senhora é do 610.

- E o senhor do 612

- É.

- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

- Pois é...

- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...

- O meu quê?

- O seu lixo.

- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?

- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você recomeçou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranqüilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.

- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
- Jantar juntos?
- É.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha?

- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.

- No seu lixo ou no meu?

Disponível em

http://portalliteral.terra.com.br/verissimo/porelemesmo/porelemesmo_lixo.shtml?porelemesmo

4. A sexualidade

Aqueles dois

(História de aparente mediocridade e repressão)

Caio Fernando Abreu

Para Rofran Fernandes:

"I announce adhesiveness,

I say it shall be limitless,

unloosen it.

I say you shall yet find the

friend you were looking for."

(Walt Whitman: So Long!)

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como "um deserto de almas". O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. E longamente, entre cervejas, trocaram então

ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, clips no relógio de ponto, vezenquando salgadinhos no fim do expediente, champanha nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou.

Não chegaram a usar palavras como "especial", "diferente" ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. Não que fossem muito jovens, incultos demais ou mesmo um pouco burros. Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de

porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de "um deserto de almas", para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los — ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam.

II

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste — e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro.

Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava.

Eram dois moços bonitos também, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia.

Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor, mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças. Um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro, e vice-versa. Como se houvesse entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.

III

Cruzavam-se, silenciosos mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando, um pedia um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. Durou tempo, aquilo. E teria durado muito mais, porque serem assim fechados, quase remotos, era um jeito que traziam de longe. Do norte, do sul.

Até um dia em que Saul chegou atrasado e, respondendo a um vago que que houve, contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? Infâmia, Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLayne, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito. Abalado, convidou Saul para um café e, no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais que nunca parecendo uma prisão ou uma clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme.

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro na pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta que sequer sabiam claramente ter sentido.

Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafeiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para contar suas histórias intermináveis. Uma noite, Raul pegou o violão e cantou *Tú Me Acostumbraste*. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas.

Dia seguinte, de ressaca, Saul não foi trabalhar nem telefonou. Inquieto, Raul vagou o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho *Tú Me Acostumbraste*, entre inúmeros cafés e meio maço de cigarros a mais que o habitual.

IV

Os fins de semana tornaram-se tão longos que um dia, no meio de um papo qualquer, Raul deu a Saul o número de seu telefone, alguma coisa que você precisar, se ficar doente, a gente nunca sabe. Domingo depois do almoço, Saul telefonou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta sábado. Foi dessa vez que, ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas. Há quase seis meses se conheciam. Saul deu-se bem com Carlos Gardel, que ensaiou um canto tímido ao cair da noite. Mas quem cantou foi Raul: *Perfídia, La Barca* e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, *Tú Me Acostumbraste*.

Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim sutil *llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mi corazón*. Jogaram algumas partidas de buraco e, por volta das nove, Saul se foi.

Na segunda, não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espiavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem. Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para as duas e o relógio de ponto era implacável. Saíam e voltavam juntos, desde então, geralmente muito alegres. Pouco tempo depois, com pretexto de assistir a Vagas Estrelas da Ursa na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando *Io Che Non Vivo*, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quatinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? perguntou. Saul sorriu forte: a gente acostuma.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava — vezenquando *El Día Que Me Quieras*, vezenquando *Noche de Ronda* —, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel, pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas. Quando faltavam dez minutos para as seis, saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda.

V

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário, ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa.

No norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante, nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando mas ele é que devia estar de luto.

Raul voltou sem luto. Numa sexta de tardezinha, telefonou para a repartição pedindo a Saul que fosse vê-lo. A voz de baixo profundo parecia ainda mais baixa, mais profunda. Saul foi. Raul tinha deixado a barba crescer. Estranhamente, ao invés de parecer mais velho ou mais duro, tinha um rosto quase de menino. Beberam muito nessa noite. Raul falou longamente da mãe — eu podia ter sido mais legal com ela, disse, e não cantou. Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool. Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa; acariciou Carlos Gardel até que os dois dormissem. Mas um pouco antes, sem saber por quê, começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. Pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde.

Depois, chegou o Natal, o Ano-Novo que passaram juntos, recusando convites dos colegas de repartição. Raul deu a Saul uma reprodução do Nascimento de Vênus, que ele colocou na parede exatamente onde estivera o quarto de Van Gogh. Saul deu a Raul um disco chamado Os Grandes Sucessos de Dalva de Oliveira. O que mais ouviram foi Nossas Vidas, prestando atenção no pedacinho que dizia até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou.

Foi na noite de trinta e um, aberta a champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu a taça e brindou à nossa amizade que nunca nunca vai terminar. Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias — e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro — ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como "relação anormal e ostensiva", "desavergonhada aberração", "comportamento doentio", "psicologia deformada", sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos.

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala deserta na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de olhos enormes, sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo, com algumas manchas de café, a letra de *Tú Me Acostumbraste*, escrita à mão por Raul numa tarde qualquer de agosto. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio.

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, a camisa branca de um, a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos.

Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai, alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.

Disponível em http://www.releituras.com/caioabreu_dois.asp

Através de autores, obras, fragmentos de textos narrativos e poéticos, você entrou na leitura de obras literárias, nos estudos literários e na história da Literatura Brasileira. Na última unidade, vamos pensar um pouco sobre a prática de ensino da literatura. O que é ensinar literatura? O que se pretende ao ensinar essa disciplina?

UNIDADE 6 - O ENSINO DA LITERATURA

Como pensar o ensino de literatura na formação de professores de Língua de Sinais Brasileira?

A discussão sobre o ensino de literatura é bastante instigante, pois as atuais abordagens teóricas focalizam a formação do leitor; no entanto o objetivo principal do ensino de literatura é que os estudantes a compreendam como fenômeno cultural.

Os estudos literários contribuirão para o entendimento da arte literária como alternativa transformadora da linguagem, em razão de um processo histórico e ideológico em relação às artes e com outras manifestações culturais. Depois de ter estudado épocas, contextos, obras e autores importantes da Literatura Brasileira você agora pode enxergar com novos olhos o rico universo de uma produção literária nacional.

A disciplina procurou mostrar como o ato de ler é de vital importância no processo da aprendizagem escolar. Um dia você poderá ser professor e desse processo virá a circulação de conteúdos aprendidos aqui. Procure encontrar caminhos, para que seus alunos consigam articular esta história da literatura brasileira com poéticas visuais, relacionando-as com suas vivências e práticas de leitura no cotidiano.

Assim, os livros, os espaços *on line* e a prática da leitura devem ser mostrados com a dimensão do prazer e da alegria, e não como via pura e simplesmente obrigatória para a

inserção de conteúdos frios e distantes do contexto em que o aluno está inserido. A disciplina que você terá na quinta fase do Curso “Literatura Visual” será muito importante na sua prática futura. Um caminho para ir se preparando para esta disciplina é desde já ir tomando contato com toda a produção editorial em Libras. Há muitos textos mencionados na nossa disciplina que já fazem parte desse acervo mercadológico.

Desta forma, podemos dizer que o estudo da literatura não acaba por aqui. Estas discussões serão retomadas na disciplina de Literatura Visual e, principalmente, no momento do estágio em Literatura Visual. Acesse os endereços eletrônicos e aproveite as sugestões bibliográficas que oferecemos, o acervo da biblioteca do seu pólo, as aulas presenciais, os momentos de interação com os seus professores nas vídeo-conferências, nos fóruns.... As letras descansam; para que continuemos juntos, é preciso que as mãos continuem virando páginas e colocando gestos no ar.